Dia 31 — São Pedro Nolasco, Confessor

São Pedro Nolasco era francês, de uma das melhores casas do Languedoc. Nasceu no ano de 1189 na região de Lauragais, num lugar da diocese de São Papoul, chamado Mas-Saintes-Puelles, a uma légua de Castelnaudary. Tendo perdido o pai aos quinze anos de idade, continuou vivendo em companhia de sua mãe, a qual, já resolvida a não se casar novamente e a dedicar-se unicamente a Deus, empregava em servi-lo seus bens e seus talentos.

Seguiu algum tempo o conde Simão de Montfort, general da cruzada contra os albigenses. Depois da famosa batalha de Muret, em que ficou morto Dom Pedro, rei de Aragão, compadecido o conde da desgraça e da pouca idade do menino-rei Dom Jaime, que havia ficado prisioneiro e não tinha mais que seis ou sete anos, julgou que não poderia fazer-lhe maior serviço que dar-lhe por aio e por governador Pedro Nolasco. Desempenhou este importante emprego com feliz êxito e mereceu toda a estima e toda a confiança do jovem monarca, da qual só se valeu para reformar a corte e para ir adiante de todos com o bom exemplo.

A devoção à Rainha dos anjos e a caridade com os cristãos cativos que gemiam na escravidão dos mouros foram as duas virtudes características de Nolasco, que não parou até vender todos os seus bens para assistir e aliviar aqueles pobres.

Animou-se tanto com o bom êxito que tiveram as primeiras provas desta ardente caridade que persuadiu muitos cavaleiros ricos e piedosos a que se juntassem com ele para formar como que uma congregação ou confraria, que tivesse por fim trabalhar na redenção dos cativos, sob o título e a proteção da santíssima Virgem.

Correu esta santa congregação a mesma fortuna que todas as obras piedosas, as quais o demônio sempre procura arruinar ou ao menos desacreditar por meio de contradições e de murmurações. Mas o rei Dom Jaime, os grandes do reino e toda a gente virtuosa e bem-intencionada, que estavam palpando as visíveis utilidades daquela insigne obra, fizeram emudecer a calúnia e dissiparam a tempestade.

Mal começava a caritativa congregação a derramar sobre aqueles infelizes os primeiros efeitos de seu zelo, quando a santíssima Virgem apareceu a Nolasco no primeiro dia de agosto e lhe declarou que seria muito do agrado de seu Filho e seu que fundasse uma religião, com o título de Nossa Senhora das Mercês, para a redenção dos cativos cristãos, prometendo-lhe seu socorro e proteção. Persuadido Pedro da vontade de Deus em força desta visão, de cuja verdade não lhe ficou a menor dúvida e que a mesma Igreja autorizou com uma festa particular, só deliberou sobre os meios para a execução do que lhe havia sido mandado. Antes de tudo, não querendo mover-se a nada sem

consultar tudo com seu confessor São Raimundo de Penyafort, foi buscar o santo, que havia tido a mesma visão naquela própria noite. Confirmados ambos com a uniformidade da revelação, passaram ao palácio a comunicar ao rei seus intentos e dar-lhe parte do sucedido. Mas acharam-se surpreendidos e gostosamente admirados quando o rei se adiantou a contar-lhes uma visão que havia tido e era em tudo conforme à dos dois, sem faltar-lhe circunstância. Com isto só se pensou desde logo em dispor tudo o que era necessário para a fundação de uma religião tão ilustre e tão santa.

No dia de São Lourenço, o rei, acompanhado de toda a sua corte e dos magistrados e ministros de Barcelona, passou à catedral intitulada Santa Cruz de Jerusalém, onde São Raimundo subiu ao púlpito e declarou diante de todo o povo a revelação da Mãe de Deus que haviam tido o rei, Pedro Nolasco e o mesmo Raimundo, sobre a fundação de uma nova ordem com o título de Nossa Senhora das Mercês, para a redenção dos cativos. Depois do ofertório, o rei Dom Jaime e São Raimundo apresentaram Nolasco a Dom Berenguer de Palou, bispo de Barcelona, que lhe vestiu o hábito branco e o escapulário da ordem; e, um pouco antes da comunhão, depois dos três votos religiosos ordinários, fez um quarto voto, pelo qual ele e todos os deste novo instituto se obrigavam não somente a solicitar esmolas para ir redimir os cristãos cativos, mas também a dar-se eles mesmos em resgate quando fosse necessário. Juntamente com o santo professaram outros dois cavaleiros. O rei cedeu-lhes liberalmente a maior parte de seu palácio de Barcelona para que fundassem nele o primeiro convento da ordem, querendo que levassem no escapulário o escudo das armas de Aragão, às quais acrescentou o santo, com beneplácito do rei, as daquela santa igreja catedral.

Derramou o Senhor tantas bênçãos sobre a nova religião, e foram tantos os sujeitos da primeira nobreza que se declararam pretendentes do piedosíssimo instituto, que foi preciso fazer um segundo convento. Destinou-se para este a igreja de Santa Eulália; e em pouco tempo teve Nolasco o consolo de ver dilatada sua família por todas as principais cidades de Aragão e da Catalunha.

Em meio a estar Pedro muito retirado dos negócios da corte, viu-se obrigado a passar a ela para sossegar as inquietudes que causavam em todo o reino as facções de Dom Sancho, primo-irmão do rei, e de Dom Guilherme de Moncada, visconde de Bearne. Pôs em liberdade o rei, a quem os sediciosos tinham como prisioneiro no castelo de Saragoça, e pacificou os alvoroços com recíproca satisfação de ambos os partidos.

Quando voltou a Barcelona, representou a seus religiosos que, para satisfazer a obrigação do quarto voto, não bastava fazer algumas redenções sem sair dos países sujeitos aos príncipes cristãos; que seu instituto os obrigava a ir pessoalmente aos domínios dos infiéis e a oferecer-se a ficar eles como escravos para libertar os cristãos cativos. Ofereceram-se-lhe todos para tão heroica expedição; mas o santo, escolhendo uns poucos, pôs-se à frente deles e entrou no reino de Valência, ocupado então pelos sarracenos, onde, longe de achar os desprezos e as correntes que ansiosamente buscava, só encontrou estima e respeito. Livrou das masmorras todos os cristãos cativos; e, tendo feito uma viagem a Granada, redimiu nas duas expedições quatrocentos escravos.

Não se contentava o zelo de Nolasco com a redenção dos cativos; adiantava-se também à conversão dos infiéis e nunca fazia resgate de cristãos que não convertesse grande número de mouros à fé de Jesus Cristo.

O eco de tantas maravilhas tornou famosa em toda a Europa a nova religião das Mercês. Aprovou-a a Sé Apostólica no ano de 1230 e, achando-se em Roma como penitenciário-mor o glorioso São Raimundo, que se pode chamar seu segundo fundador, fez que o papa Gregório IX a confirmasse no de 1235.

Por este tempo o rei Dom Jaime, depois de haver conquistado Maiorca do poder dos infiéis, entrou com suas armas vitoriosas pelos reinos de Valência e de Múrcia. Como este católico príncipe atribuía os felizes sucessos de suas armas menos a suas forças que às orações de Nolasco, em todos os países que ia conquistando deixava fundados conventos das Mercês. Concedeu à religião o famoso castelo de Unesa [Puig], onde se fundou um convento, que em todos os tempos tornou tão célebre a devoção dos fiéis, com o nome de Nossa Senhora do Puig. Quando se abriam os alicerces da obra, observou-se em quatro sábados consecutivos que sete brilhantes luzes, à maneira de astros resplandecentes, desciam como do céu e ocultavam sua luz no mesmo lugar onde se abriam os alicerces. Persuadido Nolasco de que algo queria dizer este prodígio, mandou que se cavasse mais e mais, até que por fim se encontrou um sino de extraordinária grandeza, debaixo de cuja concavidade se achou uma belíssima imagem de Nossa Senhora, que o santo recebeu como precioso dom com que Deus queria regalá-lo e enriquecê-lo. Colocou-a logo num devoto altar, e os contínuos favores que a Rainha dos anjos dispensa a todos os que a invocam naquela santa capela acreditam bem que lhe são de especial agrado os cultos que recebe nela.

No ano de 1238 fez-se dono de Valência o rei Dom Jaime e, depois de haver feito consagrar a mesquita maior em igreja catedral pelo arcebispo de Narbona, concedeu a segunda mesquita à religião das Mercês.

Já não tinha Nolasco cativos que resgatar em todas as costas da Espanha, porque sua caridade havia redimido quantos se achavam em poder dos infiéis; e, para não descansar no exercício de seu voto e de seu zelo, passou a buscar na Berbéria o que não encontrava na Espanha. Ali sim pôde satisfazer sua ardente sede de padecer por Jesus Cristo, se ela não fosse insaciável; porque, além das fadigas que padeceu, foi metido numa masmorra, carregado de cadeias, tratado com crueldade; e não poucas vezes esteve em evidente perigo de perder a vida. Mas, como viram os bárbaros que não desejava outra coisa e que, quando não pudesse conseguir esta ventura, tinha por a maior ficar cativo pelos cativos, enviaram-no à Espanha com grande número deles.

Logo que voltou a Barcelona, fez quanto pôde para renunciar o generalato; mas não pôde conseguir o consentimento de nenhum de seus filhos. O mais que logrou foi que lhe nomeassem um vigário, a quem o santo cedeu logo todo o honorífico do emprego, reservando para si unicamente o cuidado de distribuir as esmolas aos peregrinos e aos passageiros. Achava-se carregado de achaques e extraordinariamente debilitado com seus grandes trabalhos; mas nem por isso deixou de dobrar as penitências, tendo-se sempre por servo inútil. É difícil ser mais humilde do que o foi Nolasco. Embora Deus se tivesse servido dele para obrar tantas maravilhas, julgava-se incapaz de fazer coisa de proveito e só se valia de sua suprema autoridade para

exercitar-se nos ofícios mais baixos da casa.

Em vão o empenhava sua humildade em viver desconhecido, quando sua reputação o fazia famoso por todo o mundo. São Luís, rei de França, tendo vindo à província do Languedoc, quis ver um homem tão santo, de quem a fama publicava tantas maravilhas. Chamou-o, teve-o em sua corte alguns dias, comunicou-lhe o pensamento que tinha de ir conquistar a Terra Santa e libertar tantos cristãos como gemiam sob o pesadíssimo jugo dos sarracenos. Ofereceu-se Nolasco a acompanhá-lo naquela sagrada empresa; mas deteve os passos de seu zelo uma longa enfermidade, efeito de suas penitências e trabalhos, que ao cabo o reduziu ao sepulcro.

Padeceu por espaço de dois anos vivíssimas dores, que sofreu sem perder um ponto de sua ordinária tranquilidade e costumada doçura. Quanto mais intensas eram aquelas, maior alegria mostrava por poder uni-las às que padeceu Jesus em seu nascimento. Foi no dia de Natal que, vendo chegar o feliz momento em que havia de ser premiada sua ardente caridade, depois de recebidos com novo fervor os santos sacramentos e depois de haver protestado a seus filhos que era coisa muito doce viver e morrer no serviço de Deus e na proteção da santíssima Virgem, rendeu seu espírito ao Senhor ao anoitecer, aos sessenta e nove anos de sua idade e aos quarenta depois de fundada sua religião, que deu tantos homens grandes a todo o mundo cristão e está dando hoje tão heroicos exemplos de caridade a toda a Igreja. Foi canonizado este grande santo pelo papa Urbano VIII, no ano de 1628.

Martirológio Romano

Em Barcelona, São Pedro Nolasco, confessor, que descansou em paz no dia vinte e cinco de dezembro.

Em Roma, na via Portuense, São Ciro e São João, mártires, os quais, depois de haverem sofrido muitos tormentos pela confissão do nome de Jesus Cristo, foram decapitados.

Em Alexandria, São Metrano, mártir, que foi barbaramente espancado no tempo do imperador Décio por não querer dizer as palavras ímpias que lhe propunham os pagãos. Depois lhe picaram o rosto e os olhos com canas agudíssimas e, tirando-o para fora da cidade sem cessar de atormentá-lo, apedrejaram-no até deixá-lo morto.

Na mesma cidade, os santos mártires Saturnino, Tirso e Vítor.

Além disso, os santos Tarsício, Zótico, Ciríaco e companheiros, mártires.

Em Cízico, no Helesponto, Santa Trifena, a qual, depois de haver vencido muitos tormentos, mereceu a palma do martírio sendo morta por um touro.

Em Módena, São Geminiano, bispo, ilustre por seus gloriosos milagres.

No Milanês, São Júlio, presbítero e confessor, que floresceu no tempo do imperador Teodósio.

Em Roma, Santa Marcela, viúva, cujo elogio escreveu São Jerônimo.

No mesmo lugar, a bem-aventurada Luísa de Albertoni, viúva romana, da ordem terceira de São Francisco, mulher de eminente virtude.

No mesmo dia, a trasladação de São Marcos evangelista, quando foi trazido de Alexandria, cidade do Egito então ocupada pelos bárbaros, à cidade de Veneza, onde foi colocado com grande pompa na igreja maior, consagrada a Deus sob seu nome.

Em Viterbo, Santa Jacinta Marescotti, virgem, religiosa da ordem terceira de São Francisco, que, tendo-se elevado animosamente sobre as seduções do século e da sensualidade, esforçou-se constantemente em agradar a seu divino esposo por sua caridade, sua humildade e suas mortificações corporais. Foi canonizada pelo papa Pio VII.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui in tuæ charitatis exemplum ad fidelium redemptionem, sanctum Petrum Nolascum Ecclesiam tuam nova prole fœcundare divinitus docuisti: ipsius nobis intercessione concede, a peccati servitute solutis, in cœlesti patria perpetua libertate gaudere. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que, a exemplo de vossa caridade, ensinastes a São Pedro Nolasco que enriquecesse vossa Igreja com a fundação de uma nova religião para a redenção dos cativos cristãos, concedei-nos, por sua intercessão, que, libertos das correntes dos pecados, gozemos de uma liberdade eterna na pátria celestial. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico (o original diz “da Sabedoria”) e é a mesma do dia 23.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi

> gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

« Contém este capítulo do Eclesiástico, como já se disse, os merecidos elogios do rico que, sem deixar-se deslumbrar pelo aparente oropel dos bens da terra, suspira unicamente pelos do céu. Descreve o Sábio neste lugar as inquietudes dos avarentos e a maldição de Deus que cai sobre eles; louvando ao mesmo tempo o rico que se conserva na inocência, tendo isto por espécie de milagre. Tão extraordinária coisa é possuir muitas virtudes quando se possuem muitos bens. »

Reflexões

É a inocência manancial de consolos e de felicidades. O pecador nunca está contente, nunca tranquilo. A paz que faz gostar à alma tantas doçuras, a paz que sossega, que enche o coração, é sempre fruto da boa consciência. Os sobressaltos, as inquietudes, os temores são colheita do pecado e herança do pecador.

Causa admiração que, crendo-se e experimentando-se que não há contentamento doce, que não há alegria pura e sólida senão na vida inocente, ainda assim se insista e se faça empenho de buscá-la em outra parte.

Os prazeres do mundo são fugazes e amargos. Cristo comparou as riquezas aos espinhos; as honras não têm mais ser que a sombra e a fumaça. Que ficou hoje daqueles ditosos do século, daqueles que brilharam pelo resplendor de seus tesouros mais que pela luz de seus merecimentos? Passaram como relâmpagos, e nem sequer memória ficou de seus nomes; sua grandeza, seu brilho, sua imaginada felicidade, tudo se enterrou com eles no sepulcro; e, se morreram em pecado, que desdita, que lamentável desgraça!

Bem-aventurado aquele que foi achado sem mancha; bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro, que não colocou sua esperança em seus tesouros; sua glória será eterna. Mas que glória!

Não há homem justo, não há homem santo que não possa ser tão desenfreado e licencioso como o mais libertino: é mais piedoso e mais circunspecto porque é mais prudente. Pôde fazer mal e não o fez. E arrepender-se-á jamais de não o haver feito? Que se perde em servir a Deus? Ou, por melhor dizer, que não se ganha em servir tão grande e tão poderoso dono?[^1] *Deum time, et mandata ejus observa: hoc est enim omnis homo*: Teme a Deus e guarda seus mandamentos, que nisto consiste toda a ventura do homem.

[^1]: Ecl 12.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da humildade

Primeiro ponto

Considera que não há virtude mais liberalmente recompensada que a humildade. Os humildes, Deus os salvará, diz o profeta. Não tens que temer, pequeno rebanho; convosco falo, os que pareceis tão pequeninos a vossos próprios olhos e quase desaparecem aos alheios; porque vosso Pai, que é o Pai das misericórdias, quis escolher-vos de preferência a todos os demais para que povoeis o reino dos céus. Para vós é este reino, e ninguém entrará nele que não seja humilde; a soberba precipitou daquela corte celestial os anjos rebeldes, e a humildade a povoará de espíritos

humildes; este é o título como primordial de sua posse. Meu Deus, e quão pouco conhecida é no mundo esta verdade!

Não há nele coisa mais rara nem mais escassa que esta virtude; mas tampouco a há mais importante. Nenhuma outra nos ensinou tanto Jesus Cristo com seus discursos e com seus exemplos: *Discite a me*. Não quis, por assim dizer, que tivéssemos outro mestre da humildade senão ele mesmo; nem tampouco podia haver quem no-la ensinasse de modo mais eficaz. A humildade é a virtude de Cristo e a de todos os seus filhos verdadeiros. É acaso também a nossa? Não se fala agora daquela humildade de entendimento e de razão, que consiste só em conhecer cada um a pobreza de seus talentos; este conhecimento têm-no todos os homens capazes, e somente os tolos podem deixar de tê-lo: fala-se da humildade cristã, que é uma humildade de coração. É preciso reconhecer que não se tem nenhuma virtude; formar de si mesmo um baixo conceito e alegrar-se de que os demais façam de nós o mesmo conceito. Bem pode alguém ser humilhado sem ser humilde; para ser humilde é preciso comprazer-se na humilhação, e este é o fundamento do edifício. Cristão, é o do nosso? Possuímos esta virtude que tem o céu por herança? Entramos no número daquele pequeno rebanho que não tem por que temer? Somos, na verdade, pequeninos, mas somos humildes aos olhos de Deus?

De todo o coração desejo sê-lo, ó divino mestre meu; e é justo que siga ao menos vosso exemplo. Um Deus humilde é verdadeiramente um grande remédio para curar minha soberba.

Segundo ponto

Considera que não há virtude mais à mão para todo gênero de gentes que a humildade; ninguém há que não se encontre a si mesmo bem pequeno se se olha com olhos sãos. Os empregos, os títulos, o nascimento, as dignidades têm em si algum preço, mas não o comunicam. O verdadeiro mérito sempre há de ser pessoal. O homem mais perfeito é o que tem menos falhas, é o que é mais humilde; porque a soberba e o orgulho sempre acreditam pouco coração e pouco espírito. Basta ter pecado, ou poder pecar, para que vivamos sempre humildes. A virtude, a inocência, o mérito e a mesma santidade oferecem grandes materiais ao exercício desta virtude. Sejam nossos pareceres e nossas máximas neste ponto a regra por onde devemos julgar de nosso verdadeiro mérito.

Ninguém há que não possa e não deva humilhar-se. O grande, conhecendo seu nada; o pequeno, amando sua obscuridade e abatimento. Ó Deus meu, e quão amável sois! Se tivésseis feito depender de outra virtude nossa salvação, muitos talvez se julgariam excluídos de vosso reino; mas ninguém pode escusar-se de ser humilde. Considera que coisa tão fácil é ser alguém santo, quando o ser humilde é tão natural. E pergunto: É-nos muito familiar uma virtude que temos tão à mão? De onde nasce aquela delicadeza, aquela sensibilidade tão inquieta, aquela falta de doçura tão ordinária, aquela imortificação tão viva? De que outro princípio provêm quase todas as nossas faltas?

Busca um só santo que não tenha sido humilde. São Pedro Nolasco, sendo de família nobilíssima, reputa-se por tão pouca coisa que se obriga com voto solene a ficar ele mesmo como cativo

sempre que for necessário para livrar outros do cativeiro. Foi sem dúvida magnânima esta caridade; mas seu alicerce foi o de uma humildade profundíssima. Observando com reflexão nossos sentimentos, quem não diria que encontramos, que descobrimos alguma outra senda para ir ao céu? Ó grande Deus, que maior prova de que é bem curto o número dos escolhidos do que ser tão limitado o número dos humildes!

Desejo, meu Deus, ser deste pequeno número; e por isso vos peço com o maior empenho que me concedais esta amável virtude. Humilhai-me, Senhor, quanto for de vosso agrado; mas outorgai-me a graça de que vos seja humilde.

Jaculatórias

> *Vilior fiam plus quam factus sum, et ero humilis in oculis meis.* 2 Sm 6.

Sim, Senhor, cada dia quero ser mais humilde a meus próprios olhos; e por isso desejo ser cada dia mais humilhado e mais abatido aos olhos do mundo.

> *Bonum mihi quia humiliasti me: ut discam justificationes tuas.* Sl 118.

Muito proveitoso me foi, Senhor, que me tivésseis humilhado; desta maneira me tornastes dócil a vossos preceitos e rendido a vossos mandamentos.

Propósitos

1. Nos outros se estima e se louva grandemente a virtude da humildade; mas são poucos os que trabalham eficazmente por possuí-la eles mesmos. Se se pudesse ser humilde sem ser humilhado; se para sê-lo bastasse reconhecer que há sobra de pecados, falta de virtudes, escassez de méritos, pobreza de talentos, não seria tão rara no mundo esta virtude. Um pouco de entendimento basta para que cada qual se faça justiça a si mesmo; mas nossas sentenças neste particular jamais saem do secreto tribunal do entendimento e nunca se notificam, nem as consente o coração. Contudo, é certo que só a humildade de coração é virtude cristã. Para consegui-la é preciso, apesar da repugnância natural, levar a bem e até desejar ser humilhado. Examina cuidadosamente os rodeios, os artifícios, as engenhosas escapatórias do amor-próprio para evitar uma humilhação. Que sensibilidade quando se nos faz o mais leve menosprezo! Que vivacidade, que empenho em justificar até as nossas mesmas faltas! Com que frieza olhamos para os que nos são preferidos! Que desafeto para com aqueles que, a nosso modo de entender, não nos estimam tanto como aos demais! Toma uma vigorosa resolução de reprimir todas essas vivacidades, todos esses pareceres,

todos esses ímpetos do orgulho; e pelo menos de não queixar-te, de calar quando se te ofereçam certas pequenas humilhações e de rogar a Deus por todos aqueles de quem se vale sua amorosa providência para humilhar-te.

2. Faze hoje uma visita aos pobres encarcerados; pratica com eles a liberalidade, usa a misericórdia, fazendo-lhes uma boa esmola; e ao menos oferece-lhes teus ofícios e teu crédito com o juiz, tua proteção e teus bons conselhos. Considera que não são como aqueles vagabundos cuja presença importuna vem inquietar tua devoção até no mesmo templo de Deus; são uns infelizes cuja desgraça os impossibilita de ir procurar-te em tua casa. Têm quanto necessitam para excitar tua compaixão, menos o poder fazer-se presentes à tua vista. Não são como aqueles preguiçosos que fazem tráfico de sua miséria e negociação de sua necessidade; estão impossibilitados de ganhar a vida, nem um pedaço de pão para seus filhos, que não poucas vezes encontram sua morte precoce na prisão de seus pais. Lembrai-vos sobretudo dos pobres encarcerados, escrevia São Paulo. Certamente, se tivéssemos fé, não haveria entre os cristãos gente mais feliz que os pobres. Todos nos empenharíamos a porfia em socorrê-los em suas necessidades, em aliviá-los em suas misérias, sabendo que quanto fazemos com eles o fazemos à pessoa do próprio Jesus Cristo. Impõe-te uma lei de visitar duas vezes pelo menos os pobres do cárcere, sem ter nojo de suas misérias nem horror de seus calabouços, lembrando-te daquele oráculo de Jesus Cristo: Eu estava na prisão, e me viestes visitar; porque em verdade vos digo que a mim mesmo me visitastes naqueles lugares de pranto e de miséria, todas as vezes que por meu amor visitastes os encarcerados: *In carcere eram, et venistis ad me... Amen dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:24 by Admin